

TRIBUNA, 15/10/79



Milhares de crianças compareceram às festividades programadas pela Ucis e Sedu

População de Cobi pede aterro de mangue

Com parte de sua população morando sobre palafitas, num ambiente de promiscuidade a comunidade de Cobi reclama a urbanização da área, e aponta como medida urgente o aterro do lugar denominado Niterói, uma espécie de prolongamento do bairro, onde a miséria parece habitar cada barraco. Mas existe outras reivindicações ligadas a educação, pavimentação, policiamento e uma promessa de organização da comunidade, para que suas reclamações sejam ouvidas e atendidas.

O bairro de Cobi começa no lugar denominado Defesa, em São Torquato e se localiza entre a Rodovia Carlos Lindenberg e margens do rio Marinho, atingindo sua parte final na divisa com Cobilândia. O bairro é dividido em Cobi de Baixo e Cobi de Cima, onde a Cesan construiu um reservatório que abastece ao Município de Vitória.

Cobi já foi um dos bairros com maior índice de criminalidade da área metropolitana de Vitória disputando a liderança com São Torquato e Ilha do Príncipe — mas foram tomadas providências nesse sentido, com a instalação de uma sub-delegacia de Polícia. Com isso a marginalidade está se deslocando para os bairros próximos, como o Vasco da Gama.

O comerciante Jair Rodrigues de Oliveira, 28 anos no bairro diz que "antigamente era pior, pois tinha mais marginais.

Ele tem o seu comércio na avenida Brasil, 478". A água e luz não está faltando aqui nesta parte. A gente se juntou e reformamos a sub-delegacia de Polícia e pagamos o aluguel. Isto ajudou muito e é esperado que a sub-delegacia passe para a Superintendência de Polícia", disse o morador.

Ele afirma que a luta para que a Superintendência de Polícia Civil autorizasse a instalação da sub-delegacia no local foi grande, mas compensou". Mas para ele existem outras obras necessárias, sendo que a prioridade maior deve ser dada no aterro de Niterói. "O viaduto da segunda ponte vai passar por aqui e aí eles devem aterrar. Isto vai melhorar 100 por cento. Nós estamos esperando isto".

MELHOR

Para o aposentado Ailton Azevedo, há 32 anos morando no bairro, o fato de ter sido instalada uma sub-delegacia já ajuda muito. "Isto aqui estava uma bagunça terrível. Tinha dia de juntar uma média de 15 a 20 bandidos e chegaram a matar gente por aí. Graças a Deus limparam isto aqui".

Mas ele tem queixas contra a falta de urbanização. Segundo

Ailton Azevedo, uma parte da avenida Brasil não é calçada — um trecho de aproximadamente 150 metros. O aposentado afirma: "O prefeito de Vila Velha prometeu calçar isto aqui, mas não cumpriu a promessa. Nós precisamos do calçamento pois a lama é muita quando chove, e os carros precisam manobrar aqui, que está difícil".

O posto médico é mantido pela prefeitura Municipal, com a maioria dos outros serviços locais, com a ajuda da própria população. Quanto ao serviço criado pelo prefeito Américo Bernardes da Silveira para atendimento médico à população as reclamações não são muitas:

— O posto (que funciona na avenida Brasil, 434), vem atendendo muito bem. Ele só funciona pela manhã e em alguns dias também à tarde. E se não está funcionando agora (na tarde de ontem) não traz prejuízos nenhum para a gente", afirmou Ailton Azevedo. Ele também defende a urbanização de Niterói como uma das principais necessidades locais.

Francisca Amélia Pereira de Oliveira é uma líder comunitária. Ela conhece os problemas do seu bairro e defende uma série de "soluções simples", que permitiriam reduzir sensivelmente os problemas dos moradores. "Nossos problemas são muitos. Falta saneamento e as redes de esgoto que existem são construídas pelos próprios moradores. Os esgotos são poucos e abertos. Isto traz prejuízos para a saúde, como todo mundo sabe e aqui a construção do despejo não seria difícil, pois o canal é perto".

A comerciante Francisca Amélia diz ainda que a linha férrea da Estrada de Ferro Leopoldina atrapalha muito o bairro. "Nós vivemos marginalizados por falta de transportes. A linha férrea impede que uma parte do bairro seja ligada à outra. Nós já pedimos à Leopoldina que permita a pavimentação aqui na área, mas isto não foi autorizado". A falta desta pavimentação impede por exemplo que o carro distribuidor de leite chegue a Cobi de Baixo, no trecho depois da estrada de ferro.

— O pouco de calçamento

que tem foi feito pelo povo. A segurança aqui na área melhorou um pouco com a sub-delegacia. Se continuar como está indo vai ficar bom", disse Francisca Amélia, que teceu considerações sobre a vida de parte da população marginalizada do bairro.

— A gente não pode impedir que as pessoas vivam. As pessoas que estão aí são futo da sociedade. Não gosto de atirar pedras e por sinal acho que eles mereciam um jeito de melhorar de vida e não é na base do castigo que se conserta tudo. Vai-se ver e nós, que temos tudo, fazemos as coisas indevidamente. As pessoas marginalizadas podem muito bem viver no nosso meio sem nos incomodar" salientou.

ESCOLA

A líder comunitária afirma ainda que existe deficiência na única escola, a "José Elias de Queiroz", na parte baixa de Cobi, pois as crianças têm de passar pela rodovia Carlos Lindenberg para vir estudar. Cobi de Cima tem alunos suficientes para que a comunidade exija outra escola. "A nossa tem crianças até do bairro Vasco da Gama, pois lá também não tem escola. E vai uma outra reivindicação aqui: a José Elias Queiroz precisa oferecer até a oitava série do Primeiro Grau", disse Francisca.

Se em Cobi de Baixo a situação é precária, o mesmo ocorre com a parte do bairro chamada Cobi de Cima. Segundo José Rodrigues, morador no local há vários anos, as ruas locais não têm iluminação pública, seus esgotos são abertos e construídos pelos próprios moradores e não existem escadarias para permitir um mínimo de conforto às pessoas que diariamente têm de ir trabalhar. "Aqui falta de tudo. Só não falta povo", ironizou José Rodrigues.

A sugestão dos moradores locais para ampliar o número de séries na escola local é encampada pelos professores da "José Elias Queiroz". A Escola tem cinco salas, e foi recentemente ampliada, e atende a uma média de 300 crianças por ano.

ATERRO

Os problemas principais da comunidade de Cobi estão na área de Niterói, uma espécie de depósito de problemas. A promiscuidade total, mas os moradores afirmam que irão se organizar para tentar encontrar apoio.